

Com a devida vénia transcrevemos artigo publicado na edição de hoje do Jornal de Negócios on line

"Má decisão" dita primeiros prejuízos da história do BPI

Maria João Gago - mjgago@negocios.pt

Ulrich fez ontem "mea culpa" por ter investido em dívida da Grécia. Mas garantiu que BPI está "muito sólido".

"Não tenho nenhum orgulho em ter decidido comprar dívida grega, naquele momento e naquela dimensão. Foi uma má decisão."

Com estas palavras Fernando Ulrich fez ontem o seu "mea culpa" por uma decisão de investimento que, em 2011, empurrou o BPI para os primeiros prejuízos da sua história, no valor de 204 milhões de euros.

A exposição à dívida da Grécia, em que o banco investiu quase 700 milhões, roubou 340 milhões líquidos de impostos aos resultados do BPI, que foram ainda penalizados por outros fatores extraordinários, como o impacto da saída dos fundos de pensões para o Estado (71 milhões líquidos) ou os custos com reformas antecipadas (28 milhões).

Apesar de ter assumido que se tratou de uma "má decisão", o banqueiro garantiu que este investimento "não compromete a vida do banco. É um fenómeno isolado que não tem outras ramificações" na instituição.

Para os acionistas, o investimento do BPI na Grécia significou uma perda de valor, traduzida na cotação do banco e no facto de não haver resultados para distribuir. Já os depositantes "não perdem nada com isto", assegurou Ulrich.

"Felizmente, o capital que o banco tem é mais do que suficiente para assegurar a solidez que deve ter. Os depositantes têm todas as razões para estarem completamente tranquilos", sublinhou o banqueiro.

Em termos de capital, o reconhecimento de uma perda de 64%, assim como os restantes impactos negativos, não impediu que o BPI fechasse o ano com um nível de solidez acima do mínimo de 9% exigido pelo Banco de Portugal. O rácio "core tier one" fixou-se em 9,5%.

Mesmo com esta folga, para cumprir os requisitos de capital da Autoridade Bancária Europeia (EBA) até ao final de Junho (9% de "core tier one" com almofada para a dívida pública) e do Banco de Portugal até 31 de Dezembro (10% de "core tier one"), o BPI prepara-se para recorrer à ajuda do Estado. O apoio será feito através da emissão de títulos híbridos de capital contingente, que só se transformam em ações após cinco anos ou em situações previamente definidas.

Ontem, Ulrich recusou especificar as medidas que o banco vai adotar para cumprir aquelas metas. "O banco estudará todas as possibilidades ao seu alcance, incluindo o recurso à linha do Estado", limitou-se a afirmar. E apesar de não ter querido adiantar se os acionistas serão chamados a injetar dinheiro no banco, garantiu que o BPI contará com o apoio dos seus investidores. "Ainda recentemente, o presidente do La Caixa, maior acionista do banco, disse que confiava no BPI e que podia pôr capital no banco se fosse necessário", recordou.

PREJUÍZO DE 204 MILHÕES



Excluindo os resultados extraordinários (fundos de pensões e dívida grega) o lucro consolidado de 2011 seria de 115, 9 milhões.

| Resultados | 2010 | 2011 | Varição |
|-------------------------------------|-------|--------|-----------|
| Lucro líquido | 184.8 | -203.9 | - |
| Margem financeira | 664.5 | 576.8 | -13.2% |
| Rácio Crédito/Depósitos | 122% | 109% | -13 p.p. |
| Rácio Core Tier I | 8,7% | 9,5% | +0,8 p.p. |
| Rentabilidade dos capitais próprios | 7,4% | 5,4% | -2 p.p. |
| Crédito vencido (+90 dias) | 577 | 686.6 | +19% |

Fonte: BPI; Valores em milhões de euros

BARÓMETRO DA CRISE DOMÉSTICA

CRÉDITO CONCEDIDO

-5,2%

• O **crédito a clientes total** recuou para os 27,3 mil milhões de euros, com quebras mais fortes nas Empresas e Negócios e no crédito ao consumo.

RECURSOS DE CLIENTES

-3,7%

• Os **recursos totais** caíram para 27,2 mil milhões, com as quebras nos fundos de investimento, seguros e obrigações a "apagarem" a subida dos depósitos.

CRÉDITO EM RISCO

+3,2%

• O **valor do crédito em risco**, de acordo com as instruções do Banco de Portugal, aumentou de 803,7 para 923,9 milhões de euros durante 2011.